



SEBASTIÃO FERREIRA SOARES E A INTRODUÇÃO DA CIÊNCIA ESTATÍSTICA NO BRASIL DO SÉCULO XIX.

LUIZ CARLOS SOARES *

INTRODUÇÃO.

Em meados do século XIX, a economia brasileira começaria a passar por um processo de transformação que, ao longo da segunda metade, levaria à abolição do trabalho escravo e à adoção generalizada do trabalho livre. Ainda em 1850, a abolição do tráfico de escravos africanos liberou diversos capitais que foram investidos numa série de novos investimentos urbanos (bancos, transportes, serviços de limpeza e iluminação pública, manufaturas, etc.) e estradas de ferro. Nas regiões agroexportadoras, sobretudo no Sudeste cafeeiro, o crescimento exponencial das exportações e do comércio internacional também foi um elemento de dinamização econômica e estímulo para a grande imigração europeia e crescimento populacional. Como reflexo desses novos tempos, o parlamento do Império brasileiro aprovou, em 1850, um novo Código Comercial que procurou modernizar o ambiente dos negócios, com a introdução de um novo modelo organizacional para as empresas, que permitia a constituição das sociedades comanditárias (companhias limitadas) e das sociedades anônimas (empresas de capital aberto).

Enfim, surgia um novo ambiente para a organização dos negócios privados e para a gestão da administração pública e isso requereu a adoção de novos métodos e concepções científicas que já vinham se desenvolvendo em países europeus industrializados, como a Grã-Bretanha e a França. No campo dos negócios privados e da administração da riqueza pública, novos métodos contábeis foram adotados e seu estudo foi estimulado nas escolas e educandários de segundo grau. Mas, a gestão do Estado também não poderia prescindir da nova Ciência Estatística na administração dos assuntos econômicos e populacionais.

Nesse contexto, sobressaiu-se a figura de Sebastião Ferreira Soares, funcionário público que iniciou a sua carreira na administração da Província do Rio Grande do Sul e, depois, desempenhou importantes funções na capital do Império do Brasil – a cidade do Rio de Janeiro. Sebastião Ferreira Soares escreveu diversos trabalhos onde procurou aplicar os

* Professor Titular Aposentado de História Moderna e Contemporânea da UFF, Professor Visitante Senior do Programa de Pós-Graduação em História da Ciência e da Técnica e Epistemologia da UFRJ e Pesquisador Nível 1-B do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

novos métodos da Ciência Estatística aos estudos sobre a realidade econômica e comercial do Brasil da sua época, sem deixar de refletir sobre a natureza mesma destes métodos. Entre os seus trabalhos mais importantes, já publicados quando vivia e trabalhava no Rio de Janeiro, estão: *Notas estatísticas sobre a produção agrícola e carestia dos gêneros alimentícios do Império do Brasil* (de 1860); *Esboços ou primeiros traços da crise commercial da cidade do Rio de Janeiro em 10 de setembro de 1864* (de 1865); e *Elementos de estatística compreendendo a theoria da sciencia e a sua applicação á estatística commercial do Brasil*, em 2 volumes (de 1865). Há também um texto manuscrito, em 2 volumes, intitulado *As finanças ou estudos historicos e analyticos sobre as rendas e despesas publicas do Império do Brazil*, concluído em 1876, que não chegou a ser publicado de forma impressa.

Sem dúvida alguma, a trajetória profissional de Sebastião Ferreira Soares (como um competente funcionário público de alto nível) e suas importantes publicações fizeram dele não apenas um precursor da Ciência Estatística no Brasil, como também um estudioso que procurou aplicar os seus métodos à compreensão dos diversos aspectos da economia e da realidade brasileira oitocentista. Obviamente, no momento, não teremos condições de efetuar uma aprofundada análise sobre o conjunto dos escritos econômicos, contábeis e estatísticos deste autor, mas focalizaremos as suas duas principais obras publicadas, que são fundadoras do campo da Ciência Estatística no Brasil: suas *Notas estatísticas* e seus *Elementos de estatística*. Sobre informações mais detalhadas sobre a trajetória pessoal e profissional de Ferreira Soares, indicamos as seguintes referências: BARBOSA, 2009; BARBOSA E OTT, 2013; BLAKE, 1902: 206-208; e RBE, 1945: 420-424.

I) UMA REFLEXÃO SOBRE A PRODUÇÃO AGRÍCOLA E A CARESTIA DOS GÊNEROS ALIMENTÍCIOS NO BRASIL DE MEADOS DO SÉCULO XIX.

Já trabalhando e residindo na Corte, Ferreira Soares passou a colaborar com o *Jornal do Commercio* e, entre 21 de janeiro e 29 de maio de 1860, publicou uma série de 24 artigos sobre a produção agrícola no Brasil. Estes artigos serviram de base para a elaboração e publicação, no mesmo ano, de uma das suas principais obras, que teve como título *Notas estatísticas sobre a produção agrícola e carestia dos gêneros alimentícios no Império do Brazil* (Rio de Janeiro, Typographia Imparcial e Constitucional de J. Villeneuve e Companhia, 366 páginas).

Na sua apresentação do livro aos leitores, Ferreira Soares afirmava que este era um “transunto” (uma cópia) da “memória histórico-estatística” que ele estava lendo no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Talvez, como uma estratégia de defesa em relação a possíveis críticas de opositores ou mesmo a manifestação de uma certa insegurança por conta da novidade de sua obra, Ferreira Soares indicava que seu livro não se constituía nem numa “obra científica” e “nem mesmo uma narração histórica completa de nossa produção industrial”, assumindo uma postura de excessiva modéstia. (SOARES, 1860: 5)

Ainda com esta postura, Ferreira Soares assinalava que o livro não era “uma preleção sobre economia política e administrativa, nem tão pouco uma estatística sistemática da produção do Brasil”, mas que se constituía de “simples notas sobre os principais gêneros de nossa lavoura e comércio de exportação, e algumas breves considerações sobre a carestia das espécies alimentares na presente época”. Contudo, o autor logo revelava o objetivo maior da obra, que era “combater a ideia infundadamente propalada de que o país não [continuava] a progredir em sua indústria agrícola” e que sua “prosperidade” tinha desaparecido “com a cessação do tráfico da escravatura africana”, considerada por alguns como o “único elemento (...) capaz de fazer o nosso engrandecimento industrial e comercial”. (SOARES, 1860: 5-6)

Certamente, o propósito de Ferreira Soares não era nada insignificante se levarmos em consideração a complexa conjuntura vivida pelo país quando da publicação do seu livro, que também poderia servir como uma base para “muitos indivíduos [reformarem] suas opiniões sobre o estado da produção agrícola do país, quando esclarecidos pela verdade dos fatos que [passavam] despercebidos”. Já na “Introdução” da obra, ele procurava demonstrar enfaticamente que, apesar da cessação do tráfico de escravos africanos, a “produção agrícola do país não [estava] decadente, e antes, pelo contrário, [marchava] nas vias do progresso”, como também que o fenômeno da “carestia dos gêneros alimentícios não [procedia] de falta de braços que se [podiam] empregar na lavoura”, mas “tão somente de causas que, sendo removidas, [poderiam] trazer a abundante e barateza dos gêneros necessários à alimentação dos nossos conterrâneos”. (SOARES, 1860: 14-15)

Estas eram as duas preocupações fundamentais que Ferreira Soares apresentou no decorrer de suas *Notas estatísticas*, com a perspectiva de também rebater uma série de argumentos que eram veiculados nos meios políticos e na imprensa periódica do país, abordando exclusivamente “estes únicos pontos – diminuição da produção e aumento do

consumo”. Na realidade, para o autor estes argumentos eram feitos sem que seus sustentadores tivessem o menor conhecimento sobre o estado efetivo da economia brasileira, da produção agrícola para exportação e para consumo interno, das possibilidades da mão-de-obra existente, do seu comércio externo e interno, etc., pois suas considerações se baseavam em argumentos genéricos e nada consistentes, visto que para eles faltavam dados estatísticos sistematizados que pudessem revelar o real estado econômico do país. Aliás, esta era uma dificuldade generalizada por que, segundo Ferreira Soares, não possuíamos “senão mui poucos dados estatísticos, base única para se poder calcular com certeza a marcha industrial do país”. (SOARES, 1860: 18)

O próprio Ferreira Soares falava da dificuldade que se colocava também para ele, por conta da inexistência de uma base estatística ampla, que o induzia a não “escrever a história da agricultura e comércio do Brasil”. Mesmo que ele tivesse tempo bastante, faltavam-lhe “os elementos necessários (...) para executar um trabalho tão ponderoso”. Por isso, sua pretensão era “tão somente reunir alguns dados estatísticos, que [existiam] dispersos, sobre a produção do país”, com a finalidade de “poder fundamentar [suas] considerações (...) com relação à nossa indústria agrícola e carestia dos gêneros alimentícios”. (SOARES, 1860: 17)

Para Ferreira Soares, o pouco conhecimento da Estatística no Brasil era um problema sério, inclusive para “homens ilustrados” que faziam “uma falsa ideia do nosso progresso” e tomavam os “efeitos pelas causas”, principalmente em momentos críticos e difíceis. Mesmo experientes homens de negócios, financistas e políticos versados em assuntos econômicos podiam até participar de debates públicos demonstrando “profundidade de conhecimentos teóricos e, sustentação das suas ideias e opiniões”, mas faziam isso de forma puramente especulativa, esquecendo-se de que “a economia política, se bem que se [fundisse] em princípios exatos, [era] contudo uma ciência que [tinha] mais de pratica que de especulativa”. Inclusive, a “carência de dados estatísticos” tornava as suas reflexões muito mais especulativas, pois Ciência Estatística “entre nós ainda não [era] cultivada, e tida naquela consideração e apreço que se lhe [prestava] nas nações mais cultas do mundo”. (SOARES, 1860: 12-13)

Sobre o pouco conhecimento da Estatística no país, sobretudo aplicada aos assuntos econômicos, Ferreira Soares diagnosticava:

“Pouco ou quase nada se conhece da produção do Brasil, afora do que se publica nas peças oficiais, que são pouco lidas; nada de positivo se sabe sobre as quantidades das colheitas e safras dos

lavradores. A estatística, permita-se-me dizê-lo, é quase que desconhecida entre nós; parece que se tem horror aos números. Não desconheço que a compulsão de dados é trabalho enfadonho, e que ainda mais aborrecível é o comparar e calcular sobre quantidades numéricas; sendo sem dúvida essa a razão por que os nossos escritores e publicistas em geral mais se ocupam da poesia ideal que do positivismo dos números”. (SOARES, 1860: 12)

A Estatística era fundamental para os economistas e os estudiosos da Economia Política, pois aquela ciência tornava-se fundamental não somente para o estudo dos fenômenos econômicos, como também para o estabelecimento de ações pelos agentes econômicos ou homens públicos no sentido de se garantir o “progresso” das diversas atividades produtivas e comerciais ou de se tomar medidas efetivas para sustar situações de crise ou decréscimo produtivo e comercial. Sem uma base estatística, “ao menos aproximada da verdade”, dizia Ferreira Soares, as ações empreendidas pelos agentes econômicos ou homens públicos seriam “às apalpadelas, e nenhuma medida [poderia] ser tomada com caráter permanente; todas [seriam] meras tentativas experienciais, as mais das vezes precárias”. (SOARES, 1860: 13)

Portanto, os estudos econômicos, fundamentados numa sólida base estatística, contribuiriam para se evitar formulações meramente especulativas ou contraditórias, como era comum entre aqueles que expressavam opiniões econômicas no Brasil. Neste sentido, Ferreira Soares dava a seguinte recomendação:

“Sempre que se tomar por ponto de partida nos estudos econômicos o melhoramento do estado da sociedade; quero dizer: o aumento dos recursos e gozos de todos os indivíduos, não se poderá marchar certo ao fim que se visa senão com a estatística na mão; e se isto fizessem os que têm escrito sobre a questão de que me ocupo, de certo que não teriam emitido tantas proposições contraditórias que se observam em suas publicações”. (SOARES, 1860: 20)

De forma enfática, o autor procurava estabelecer uma relação mais precisa entre a Estatística e a Economia Política e dar uma dimensão prática entre os dois campos de conhecimento:

“Em minha opinião sem a estatística, a economia política deixaria de ser ciência, porque aquela é quem aponta os fatos sobre que esta funda os seus postulados; do que concluo, que em um estado em que não hajam dados estatísticos coordenados metodicamente, todas as suas leis fiscais serão mal executadas, visto que não podem ter sido decretadas senão por meras suposições, e conseqüentemente serão leis experienciais”. (SOARES, 1860: 27)

Ferreira Soares indicava precisamente que caberia à Estatística apresentar “os fatos que [deveria] servir de base e estudo para os cálculos econômicos e administrativos”. Nesse

aspecto, ele concordava com Jean-Baptiste Say que denominava a Estatística como uma “Fisiologia da Sociedade” e ainda completava o seu raciocínio dizendo que “se [faltava] pois esta bussola, [perdia-se] o norte, e não se [podia] atingir ao ponto que se [visava]”. (SOARES, 1860: 13) Com um viés bastante crítico à tradição humanista e literata que predominava nos meios intelectuais brasileiros, Ferreira Soares procurou defender a relevância e a utilidade da Ciência Estatística para o desenvolvimento do país:

“A civilização de um povo não se mede somente pelas suas publicações de literatura, porém muito principalmente pelos conhecimentos exatos que se tem de suas localidades, produções, indústrias e população; e estes objetos pertencem à estatística. A falta que temos destes conhecimentos, e mesmo a pouca atenção que se presta aos que existem, tem feito com que, não só no país como fora dele, todos os dias se estejam a dizer mil disparates sobre o progresso ou decrescimento de nossa produção e indústrias; penso pois que não é pequeno serviço escrever sobre uma matéria tão árida, afim de despertar com a verdade a atenção daqueles que são incumbidos de velar pela nossa prosperidade”. (SOARES, 1860: 13-14)

Consequentemente, a constatação de Ferreira Soares, em relação ao estado da Estatística no Brasil, não poderia ser nada diferente da lógica da sua argumentação até agora apresentada:

“Infelizmente no Brasil a estatística existe em grande atraso, porquanto nem mesmo um senso regular temos da nossa população; e a estatística da produção somente se pode deduzir da que se organiza no tesouro nacional sob a denominação de Mapas do Comércio de importação e exportação, da qual me tenho servido para as minhas demonstrações: isto posto vou entrar nas questões numéricas”. (SOARES, 1860: 27-28)

Assim, a falta de um conhecimento estatístico regular sobre a produção agrícola do país era, na visão de Ferreira Soares, a principal responsável pela muitos “absurdos” que eram ditos sobre o estado desta atividade econômica, que estaria declinando por conta da “falta de braços”, cuja central era “a cessação do tráfico dos Africanos em 1851, e a mortandade que fez a cólera em 1855 na população escrava”. Para o autor, estas “ideias tão errôneas”, vastamente divulgadas, criavam “preconceitos que [deviam] ser combatidos em benefício da moral e da dignidade nacional”. Obviamente, seu trabalho era um instrumento de combate aos preconceitos e às ideias equivocadas que proliferavam. (SOARES, 1860: 14)

E quais seriam as “ideias verdadeiras” na perspectiva de Ferreira Soares? Efetivamente, o que ele queria “provar” com o seu estudo estatístico? Primeiramente, o autor pretendia provar, em sua primeira tese, que não se verificava nenhum declínio da produção agrícola do país e que esta “[marchava] nas vias de um constante e contínuo progresso”,

mesmo depois da cessação do tráfico de escravos africanos (“o imoral tráfico de carne humana”), “que além de nos aviltar na opinião dos povos civilizados, nos empestava com o exemplo dos seus asquerosos e depravados hábitos”. A segunda tese, que era objeto de comprovação por Ferreira Soares, afirmava que não existia “falta de braços que se [podiam] empregar na agricultura” e, por conseguinte, esse fenômeno inexistente, que teria sido causado pela cessação do tráfico africano, não era a principal causa da carestia de gêneros alimentícios, como acreditavam muitas “pessoas ilustradas”. Assim, comprovar que esta carestia, que procedia de outras causas que não a redução da mão-de-obra provocada pelo fim do tráfico negreiro, constituiu-se no objeto da terceira tese de seu livro. Ele dizia ainda que a carestia dos gêneros alimentícios, “que se [observava] nas populosas cidades do Império”, por sua vez, era um fenômeno “anormal e transitório” e iria apresentar as suas reais causas no seguimento do seu livro, mas já adiantando “uma delas”, que se constituía na “imprevisão dos nossos grandes agricultores – que em procura de interesses imediatos desprezaram a cultura dos gêneros mais necessários à vida, e que faziam a fartura de nossos conterrâneos”. (SOARES, 1860: 24)

Assim, com “dados estatísticos irrecusáveis”, extraídos principalmente das “fontes oficiais”, Ferreira Soares procurou comprovar as suas três teses centrais e refutar os argumentos que considerava equivocados. Procurava também justificar-se em relação ao seu estilo marcado pela “aridez”, pois, por mais que tentasse o contrário, o seu estudo era “todo fundado em algarismos”. (SOARES, 1860: 24)

Ferreira Soares, em suas *Notas estatísticas*, não deixava de aderir a onda positivista e cientificista que começava a ganhar terrenos internacionalmente em meados do século XIX. Sua crença na fidelidade absoluta nos dados estatísticos obtidos a partir das “fontes oficiais” se coadunava com a sua visão de estado ou da monarquia constitucional brasileira como a forma perfeita de governo dos homens, principalmente no Brasil. Entretanto, apesar de uma postura científica que hoje facilmente criticaríamos, suas *Notas estatísticas* contribuíram para desmitificar muitos argumentos dos setores políticos dominantes ultraconservadores, aferrados à defesa da escravidão e do tráfico negreiro, indicando o crescimento da agricultura de exportação brasileira e da produção de subsistência para o mercado interno, sem deixar de sugerir a necessidade do crescimento da indústria e a diversificação econômica do país e as soluções para o problema da mão-de-obra e a substituição do trabalho escravo nas diversas

atividades econômicas. Certamente, o conteúdo e o receituário de sua obra o colocavam num campo de pensamento político-ideológico consideravelmente “moderno”, em nosso país.

II – A INTRODUÇÃO DA CIÊNCIA ESTATÍSTICA NO BRASIL.

Os artigos que Sebastião Ferreira Soares publicou no *Jornal do Commercio* e suas *Notas estatísticas* ... tiveram uma boa repercussão nos círculos políticos e culturais brasileiros, nos círculos diplomáticos no país (como se manifestou o embaixador britânico William Dougal Christie) e também no exterior, de onde recebeu elogios e encorajamentos do meio científico para a continuidade de seus estudos (como o do francês Charles Reybaud). Obviamente, esta boa recepção de seus primeiros escritos estatísticos serviram como elementos de inspiração para novos estudos.

No entanto, dois acontecimentos históricos tiveram um impacto decisivo para que Ferreira Soares viesse aprofundar os seus estudos estatísticos e elaborar trabalhos mais densos neste campo do conhecimento. O primeiro destes acontecimentos foi a Guerra da Secessão nos Estados Unidos, que trouxe a decretação da abolição da escravatura naquele país. O segundo acontecimento foi de natureza interna e se relacionou à eclosão da crise comercial na praça do Rio de Janeiro, a partir de 10 de setembro de 1864, que se iniciou com a falência da casa bancária de Antônio José Alves Souto (uma das maiores da cidade), e chegou a se estender para outras praças comerciais do país. Em 1865, Ferreira Soares publicou na Corte o livro de 136 páginas, intitulado *Esboços ou primeiros traços da crise commercial da cidade do Rio de Janeiro em 10 de setembro de 1864* (Eduardo & Henrique Laemmert), que se tornou uma referência documental importante para os estudiosos da História Econômica e Financeira preocupados com a formação das instituições bancárias e os movimentos especulativos no país em meados do século XIX.

No mesmo ano de 1865, na Corte, viria a público o livro que talvez seja o mais inovador da vasta obra de Ferreira Soares, intitulado *Elementos de estatística comprehendendo a theoria da sciencia e a sua applicação á estatística commercial do Brasil*, em dois grandes volumes impressos pela Typographia Nacional, sendo o primeiro com 321 páginas e o segundo com 320 páginas e mais um apêndice de 21 páginas. Nessa obra, o autor procurou estabelecer os principais elementos teóricos e postulados gerais da Ciência Estatística e aplicá-los ao estudo particular da Estatística Comercial do Império do Brasil,

como já aponta no próprio título da obra. Os *Elementos de estatística* eram dedicados ao Ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, o Conselheiro Antônio Francisco de Paula Souza, e na sua dedicatória Ferreira Soares, que era um homem muito metuculoso e às vezes até modesto demais, já assinava com o título de “Doutor”. Pode ser que isso correspondesse aos padrões de titulação da época, em que os homens mais letrados e de formação acadêmica superior fossem chamados de “Doutor”, como o próprio autor denominava o homenageado como “Conselheiro Dr. Antônio Francisco de Paula Souza”. Ou pode ser que Ferreira Soares já tivesse obtido o seu Doutorado em Filosofia pela universidade alemã, como apontam alguns de seus registros biográficos.

Sobre os principais propósitos de seus *Elementos de estatística*, Ferreira Soares assinalava inicialmente que sua obra não era um “trabalho completo” de estatística brasileira, “mas simplesmente um ensaio sobre a estatística comercial do Brasil”, que tinha como principal base de dados aqueles “extraídos dos documentos oficiais publicados pelo tesouro nacional, presidentes de província nos seus relatórios, e dos balanços e relatórios dos estabelecimentos bancários que [existiam] no país”. Realmente, o livro em dois volumes continha a maior base de dados sobre estatística econômica e comercial brasileira jamais reunida por um investigador em nosso país e isso foi um procedimento intencional do autor, que procurou elaborar o livro “em forma de Compêndio”, com o objetivo claro de que ele servisse para “lecionar a ciência estatística, com a vantagem de apresentar a sua teoria e aplicação”. (SOARES, 1865, Vol. I: VIII-IX)

Outro propósito do livro se relacionava à tentativa de Ferreira Soares de fornecer uma espécie de manual para os “candidatos a empregos nas alfândegas do Império”, pois os dispositivos legais existentes desde 1860 (sobretudo o parágrafo 6º do artigo 74 do Regulamento das Alfandegas do Império de 19 de setembro daquele ano) determinavam que estes candidatos realizassem “exame de estatística comercial”, mas não “[prevenia] sobre a deficiência em que se [achavam] os estudiosos de aprender esta ciência”. O autor ainda afirmava que, até aquele momento, a Estatística “não se achava formulada em corpo de doutrinas”, inclusive em países em que esta ciência se achava mais desenvolvida. Aqui, ele citava o exemplo particular da Alemanha, “onde se [davam] cursos públicos de estatística”, que “[reduziam] o ensino à organização de quadros, e a mais algumas demonstrações, sem firmarem os professores regras positivas”. Ferreira Soares ressaltava que este era o seu

objetivo – o estabelecimento de “regras positivas” para a Ciência Estatística –, procurando o seu Compendio instituir os “postulados desta ciência”. (SOARES, 1865, Vol. I: IX)

Ferreira Soares afirmava que encontrou uma série de dificuldades para realizar a sua tarefa, principalmente por que, apesar de consultar diversos autores, verificou a existência de uma dispersão de “princípios e regras” da Ciência Estatística e, por isso, ele teve que desenvolver os seus próprios fundamentos teóricos, procurando adotar o máximo rigor científico possível. Sobre isso, o próprio autor comentava:

“Conjecture-se, pois, com quantas dificuldades não tive de lutar para poder coordenar os princípios e regras que andam dispersos pelos tratados dos diversos autores que se tem ocupado da estatística, os quais são por demais deficientes, o que me obrigou a formular a maior parte das teorias que apresento, fundando-me, para isso conseguir, no estudo e observação dos factos sociais de que me ocupo. Penso, porém, ter conseguido o fim a que me propus, senão com rigorosa precisão científica, ao menos tanto quanto comporta o alcance de minha inteligência”. (SOARES, 1865, Vol. I: IX-X)

Por outro lado, Ferreira Soares apresentava mais uma de suas “recaídas” de humildade relativa, pois, ao mesmo tempo em que falava da dispersão existente no âmbito internacional no campo de conhecimento estatístico e indicava que formulara as suas próprias teorias, dizia que “não [nutria] a pretensão de dizer coisas novas sobre a ciência estatística”. Mas, indicava a sua suposição de que estava prestando um grande serviço “ao meu país e aos estudiosos, em apresentar-lhes reunidas e coordenadas muitas regras e princípios, que [andavam] dispersos em muitos volumes”. Dito isso, ele começava a relacionar o seu estudo a uma aplicação prática dos seus fundamentos teóricos à Estatística Comercial brasileira, afirmando que suas proposições tinham um “cunho de verdade” que era fornecido por sua base de dados estatísticos extraída das fontes oficiais e governamentais. Os “dados oficiais”, que baseavam todas as suas “descrições numéricas”, eram os “únicos que [existiam] para se determinar os valores das transações comerciais e importações e exportações tanto de longo curso, como de cabotagem”. (SOARES, 1865, Vol. I: 17)

Ao aplicar o estudo dos princípios e regras estatísticas ao comércio e às atividades econômicas do Brasil, Ferreira Soares procurou também atender não apenas às exigências do Regulamento das Alfândegas do Império acima mencionadas, como também adequar o seu estudo ao direito comercial e financeiro brasileiro, o que se colocava como uma exigência prática de uma ciência aplicada. Ele reconhecia, em mais uma demonstração de modéstia, que seu trabalho não era “tão completo como fora para desejar-se”, mas que era o “único que

[existia] sobre a estatística comercial aplicada ao Brasil”, servindo, por isso, “para fixar as regras do estudo a seguir neste ramo da ciência”. Aqui, sem adotar um estilo arrogante e vaidoso, o autor se via claramente como um pioneiro na introdução da Ciência Estatística no país. Ele realçava a sua perspectiva de pioneirismo ao falar sobre as suas dificuldades de investigação sobre a Estatística Comercial do Brasil visto que, no país, ainda não existiam “os elementos estatísticos que [superabundavam] na França, Inglaterra e Alemanha, onde seus governos desde o meado do século XVII (...) trataram de mandar coligir”. No caso da constituição de uma base segura de dados para a Estatística Comercial brasileira, Ferreira Soares falava do seu “trabalho insano”, “laborando com inúmeras dificuldades”, mas que teve como um importante resultado a publicação do seu Compêndio, pois antes deles “ninguém reuniu tão grande cópia de elementos exatos e apreciáveis” sobre o tema em questão. (SOARES, 1865, Vol. I: XXXV-XXXVI, 30)

Assim, ao falar do seu pioneirismo, Ferreira Soares deixava clara a existência de um grande atraso da Ciência Estatística no Brasil, em relação a alguns países europeus, como a França, a Inglaterra, a Bélgica e a Alemanha, embora tenha demonstrado também que, mesmo nesses países, este campo científico ainda estava em construção e não havia ainda um consenso dos seus membros investigadores em relação aos seus fundamentos teóricos e postulados gerais. Com toda a certeza, podemos dizer que, mesmo constatando e vivenciando o “atraso brasileiro” nesta discussão internacional, Ferreira Soares era um investigador altamente atualizado em relação à bibliografia e às tendências teóricas mais correntes da Ciência Estatística e deu uma enorme contribuição para a institucionalização deste campo na segunda metade do século XIX.

Contudo, o importante momento de mudança que o Brasil experimentava e as incertezas sobre o seu futuro, nos anos 1860, demandavam uma modernização do Estado e suas formas de administração, principalmente na esfera econômico-comercial. Na realidade, retomando algumas de suas formações de *Notas estatísticas*, Ferreira Soares procurava alertar, mais uma vez, em seus *Elementos de estatística*, às autoridades do Estado, aos parlamentares, aos homens de negócio e à opinião pública letrada, sobre a necessidade premente da reforma e atualização da administração pública brasileira, em todos os níveis. Evidentemente, a Ciência Estatística aplicada ao estudo dos fenômenos econômicos, sociais e demográficos poderia ser uma poderosa alavanca deste processo de modernização do Estado e da administração

pública, sobretudo no que concernia as suas atuações concretas para promover o progresso do país e o bem-estar de sua população.

Assim, Ferreira Soares manifestava enfaticamente a sua opinião sobre a necessidade da Ciência Estatística para a boa administração do Estado moderno:

“É opinião geral de todos os estadistas que a estatística é indispensável à marcha regular e progresso dos povos, porquanto, ocupando-se esta vasta ciência da enumeração de todos os factos sociais, os estuda, analisa e desenvolve nas suas diversas fases, para determinar-lhes o seu verdadeiro modo de ser.

As nações cultas bem administradas possuem estatísticas convenientemente elaboradas dos principais fatos sociais que tem relação com a marcha regular dos governos e progressos dos Estados. A França e a Bélgica, entre todas as nações, possuem as melhores e mais minuciosas estatísticas de sua marcha social, e a administração pública daqueles países tem hoje em dia os necessários elementos para poder apreciar a marcha das indústrias e a riqueza nacional, bem como o desenvolvimento da instrução e moralidade pública”. (SOARES, 1865, Vol. I: X)

Ferreira Soares indicava claramente a impossibilidade que se colocava, para ele, de “escrever a estatística geral do Brasil”, o que o levou a se ocupar “de alguns dos ramos mais importantes de nossos fatos sociais”, vinculados ao que ele chamava de Estatística Comercial, que incluía “a nossa produção, comércio e indústrias”. Embora fossem claramente reconhecíveis e apontadas as dificuldades relativas à inexistência de uma tradição estatística e de análise quantitativa na administração pública, no mundo dos negócios e na sociedade brasileira como um todo, isso não devia ser um fator de inibição para uma mudança de postura e adoção mais generalizada de métodos estatísticos e quantitativos no país. Ele reconhecia que, no Brasil ainda não se podia “emparelhar” com os grandes Estados europeus na adoção e no cultivo da Ciência Estatística, mas “nem por isso [devíamos] deixar de lado o estudo de nossa sociedade”, pois, apesar da “não existência de uma regular estatística”, naquele momento, nada deveria nos impedir de buscar o conhecimento “ao menos dos fatos mais essenciais à marcha regular da nossa administração interna”. (SOARES, 1865, Vol. I: VIII, X-XI)

Para Ferreira Soares, esse seria o caminho inicial para o desenvolvimento de uma tradição estatística no país e a adoção pelo Estado de métodos oriundos deste campo científico com o objetivo pleno de se organizar uma “estatística geral do Império”, para que os homens encarregados da administração pública pudessem, a partir dela, “estudar os fatos sociais, e provê-los do remédio necessário”, com elementos quantitativos mais corretos que lhes

possibilitariam diagnósticos mais precisos acerca dos problemas do país e das suas possíveis soluções. Sobre o desconhecimento estatístico dos governantes e parlamentares brasileiros, o autor comentava:

“A falta de uma regular estatística dos principais factos de nossa associação civil tem induzido a menos exatas apreciações, não só aos legisladores brasileiros, como ao próprio governo do país, porquanto, fundando-se uns e outros em informações pouco exatas, as providencias tomadas tem-se apartado algumas vezes do ponto a que se pretendia atingir.

O parlamento brasileiro é composto das principais ilustrações do país, mas, assim mesmo, graves questões se têm suscitado no recinto das câmaras legislativas, as quais tornaram-se intermináveis, debatendo-se os contendores num mar de probabilidades, sem que pudessem firmar os seus argumentos em dados positivos, por falta de uma bem elaborada estatística nacional”. (SOARES, 1865, Vol. I: XII-XIII)

Segundo Ferreira Soares, o desconhecimento acerca dos métodos estatísticos já tinha se manifestado no parlamento brasileiro por volta dos grandes debates sobre a produção agrícola e o crédito nos anos de 1859 e 1960 e, de certo modo, esta realidade parecia não ter mudado quando o autor escreveu os seus *Elementos de estatística*. Os debates parlamentares eram “animados”, deleitando “o espírito dos ouvintes”, com os “contendores” mostrando-se “muitos versados nas teorias econômicas”, mas, “pouco inteirados dos fatos sociais do país”, “nada concluíram de positivo em relação à aplicação dessas teorias ao país, para o qual legislavam”. No melhor estilo do “bacharelismo” brasileiro do século XIX, as discussões dos parlamentares produziam argumentos que, em sua “maior parte”, na opinião do autor, “fundavam-se em fatos relativos a outros Estados, e por indução e analogia pretendiam concluir com os mesmos resultados para a nossa associação”. (SOARES, 1865, Vol. I: XIII-XIV)

Diante disso, a conclusão mais imediata a que chegou Ferreira Soares se vinculava à necessidade de se produzir, no Brasil, escritos econômicos com “teorias aplicadas”, que até então eram praticamente inexistentes. Esta “aplicação das teorias econômicas” não poderia prescindir da análise “dos fatos enumerados por bem elaboradas estatísticas”. Por outro lado, através deste procedimento metodológico, poderiam ser “determinados os resultados obtidos das teorias aplicadas”, que “convenientemente analisados e comparados, [poderiam] confirmar a utilidade dos princípios postos em ação, ou aconselhar a sua modificação, a fim de surtirem os efeitos desejados”. (SOARES, 1865, Vol. I: XIV)

Além da introdução de uma nova mentalidade administrativa que incorporasse a Ciência Estatística e também (a partir desta primeira) a Teoria Economia Aplicada, Ferreira Soares recomendava a criação, pelo governo, de uma “repartição especial de estatística” que, “dentro de cinco anos”, pudesse “apresentar muitos trabalhos importantes sobre os principais fatos da nossa marcha social”, com a escolha de funcionários especializados, que com seus “conhecimentos especiais” poderiam executar perfeitamente os “áridos trabalhos da estatística” e contribuir para a criação de uma administração pública moderna no Brasil. Conseqüentemente, não apenas a Estatística Econômica e Comercial do país mudaria de patamar, como também o próprio conhecimento da população brasileira, com a organização de um recenseamento geral que até então não fora organizado pelos governantes. Para o autor, este “desconceituava” o país “na opinião dos estrangeiros”, pois já se contava “meio século de existência política como nação independente” sem que se tivesse organizado um “censo geral da população do Império”, sendo “tudo quanto [existia] a semelhante respeito (...) imperfeito por incompleto”, o que não deixava de causar “muitos e graves obstáculos à marcha regular da administração pública”. (SOARES, 1865, Vol. I: XI-XII)

Aqui, chegamos a parte mais importante da reflexão de Ferreira Soares, em seus *Elementos de estatística*, relativa às definições gerais da Ciência Estatística e seus objeto e campos de estudos. Para ele, a Estatística era uma ciência “antiga”, mas seu “corpo de doutrinas” ainda estava “incompleto”, “imperfeito” ou “não se [achava] convenientemente coordenado”, principalmente por que “os diversos escritores, que se [ocupavam] desta ciência, não [tinham] estabelecido, como [convinha], os seus princípios positivos e fundamentais”, com o objetivo de “serem ensinados, e a convencerem aos que [pretendiam] estudar esta vastíssima ciência social”. Numa crítica generalizada aos “tratados estatísticos” que conhecia, Ferreira Soares dizia que estes “se [reduziam] a apresentar numericamente os fatos sociais que [descreviam] com maior ou menor desenvolvimento, sem dar as razões filosóficas do seu modo de ser, tornando-se por isso incompletos e imperfeitos”. (SOARES, 1865, Vol. I: 1-2)

Para que a Estatística deixasse de ser uma “ciência de gabinete”, que ainda existia “na sua generalidade”, e para que fosse “ensinada com aproveitamento”, dizia Ferreira Soares, era mais do que necessária “formular os seus princípios positivos e racionais metodicamente, firmando a descrição dos fatos, de que se [ocupava], com clareza, e segundo a ordem de sua

sucessão”. Evidentemente, segundo ele, isso não se encontrava nos “tratados de estatística até hoje publicados”, que se mostravam “deficientes por incompletos”. (SOARES, 1865, Vol. I: 4)

Chegando, então, a um patamar de proposições, Ferreira Soares estabelecia a sua própria definição da Ciência Estatística, indicando sua finalidade e seus meios de investigação:

“Estatística é a ciência que se ocupa da enumeração, comparação, análise e estudo de todos os fatos que tem relação com a marcha social dos povos em referencia a épocas determinadas.

O fim desta ciência é achar pela comparação e análise de diversos fatos sociais correlatos, acontecidos em épocas distintas, as causas que os produzirão, e poder prevenir sobre a sua reprodução.

Os meios, de que se serve a ciência estatística, são descrever os fatos com a máxima precisão e clareza em referencia ás épocas que abranger, e compará-los entre si, deduzindo, pela análise e observação, os seus modos de ser”. (SOARES, 1865, Vol. I: 5)

Para Ferreira Soares, a Ciência Estatística estava dividida em duas partes específicas. A primeira era a “Estatística Descritiva”, que compreendia a “a enumeração e descrição de todos os fatos importantes relativos á marcha da sociedade, com a possível exatidão”. Já a segunda parte compreendia a “Estatística Racional”, que “[estudava] e [analisava] os acontecimentos, e [deduzia] as causas que [atuaram] para o progresso ou decadência dos povos, ou dos Estados”. (SOARES, 1865, Vol. I: 5-6)

Por outro lado, a Ciência Estatística era formada “por três ramos principais e distintos”, que, na visão de Ferreira Soares, poderiam “ser tratados em separado, mas, que reunidos, [formavam] um corpo de doutrinas completas”, que “[ocupavam] importantíssimo lugar entre as ciências sociais”. Desse modo, situando a Estatística no âmbito do que os estudiosos começavam a chamar de “ciências sociais”, o autor especificava os “três ramos principais” deste campo de conhecimento:

“O primeiro ramo da ciência estatística se ocupa do estudo do solo, descrevendo-o em referencia á sua formação geológica e topo-hidrográfica, e analisando-o em relação aos minérios que contém, e aos seus produtos vegetais; e, finalmente, dos climas em referencia ás suas temperaturas, e em relação aos efeitos meteorológicos.

O segundo ramo abrange o estudo da criação animal em referência á zoologia, mas principalmente se ocupa dos homens reunidos sociedade, os quais estuda desde a sua origem, para determinar-lhes as raças, religiões, leis, costumes e desenvolvimento moral; demonstrando o progresso ou regresso da população dos Estados, e as causas que para isso atuaram.

No terceiro ramo, finalmente, compreende a ciência estatística a descrição, comparação, análise e estudo de todas as indústrias e melhoramentos materiais da sociedade, precisando as épocas a que respeito, e determinando as em que mais florescerão ou decaíram, por meio de demonstrações numéricas”. (SOARES, 1865, Vol. I: 6-7)

Por outro lado, apesar de Ferreira Soares reconhecer que um “corpo de doutrinas completas” da Estatística deveria abarcar os três ramos acima indicados, ele assinalava que “o nosso espírito” era “por demais limitado para reunir em um só individuo todos os conhecimentos humanos”. Além de ser necessário “dividir as ciências em diversos ramos”, colocava-se também a necessidade de “subdividir estes [ramos] em especialidades, a fim de melhor se aprofundarem as questões”. Conseqüentemente, como a Estatística requeria, “no seu complexo, grande massa de conhecimentos, que dificilmente se [encontravam] reunidos”, era preciso também que ela tivesse os seus três ramos principais subdivididos “em várias especialidades”. E quais especialidades eram estas? De acordo com Ferreira Soares, “as especialidades mais comuns, em que se [dividia] a ciência estatística, além de outras de menor aplicação”, eram: a Estatística Territorial; o Recenseamento da População; os Nascimentos e Decessos; a Estatística Rural; a Estatística Industrial; a Estatística Judicial; a Estatística Financeira; e a Estatística Comercial. (SOARES, 1865, Vol. I: 7-8)

Posteriormente, Ferreira Soares iria tratar dos “postulados” específicos de cada uma destas especialidades da Estatística, privilegiando evidentemente a Estatística Comercial que era o seu principal objeto de análise aplicado á realidade do Império do Brasil. Mas, este autor voltaria a enfatizar, diversas vezes, o pertencimento da Estatística ao âmbito das Ciências Sociais e, para ele, o Estatístico era

“(…) o filósofo humanitário que, pondo em ação os seus variados conhecimentos, [estudava, comparava, analisava e descrevia] a marcha moral e industrial dos povos, assinando-lhes o seu modo de ser em diversas épocas, e demonstrando as causas claras ou latentes que atuaram direta ou indiretamente para o progresso ou decadência dos Estados”. (SOARES, 1865, Vol. I: 7)

CONCLUSÃO

Vimos, assim, que Sebastião Ferreira Soares, embora estivesse preocupado com o que hoje chamamos de estatuto científico da Estatística, procurando definir seus elementos teóricos e postulados gerais, além de seus campos e especialidades, pretendeu aplicar estes conhecimentos à realidade econômica e comercial do Império brasileiro. No seu aprofundado empreendimento intelectual, ele procurou enfatizar o papel da Estatística para a boa

administração do Estado e para a ação racional dos homens de negócio, numa realidade de mercado nas principais cidades brasileiras que exigia, cada vez mais, um conhecimento das condições econômicas efetivas e o abandono das antigas práticas empresariais empíricas e rotineiras da declinante sociedade escravista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, Marco Aurélio Gomes – “Um estudo histórico-biográfico sobre a vida e obra de Sebastião Ferreira Soares”. Trabalho apresentado na XII Convenção de Contabilidade do Rio Grande do Sul realizada em Bento Gonçalves, 2009, 13 páginas.
- BARBOSA, Marco Aurélio Gomes e OTT, Ernani – *A origem da contabilidade no Rio Grande do Sul: primeiras evidências, fortalecimento e consolidação*. Porto Alegre, Conselho Regional de Contabilidade do Rio Grande do Sul, 2013.
- BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento – *Diccionario bibliographico brasileiro*, Volume VII. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1902, pp. 206-208.
- *Revista Brasileira de Estatística*. Rio de Janeiro, IBGE, Ano VI, Número 23, Julho-Setembro de 1945, pp. 420-424.
- SOARES, Sebastião Ferreira – *Notas estatísticas sobre a produção agrícola e carestia dos gêneros alimentícios no Imperio do Brazil*. Rio de Janeiro, Typographia Imparcial e Constitucional de J. Villeneuve e Comp., 1860.
- SOARES, Sebastião Ferreira – *Elementos de estatística comprehendendo a theoria da sciencia e a sua applicação á estatística commercial do Brasil*, 2 Volumes. Rio de Janeiro, Typographia Nacional, 1865.